



Günter Grass:

A História, contando histórias

OS CORREIOS POLACOS

1 Dormi num cesto de roupa cheio de cartas que queriam ir para Lodz, Lublin, Lwow,
2 Torun, Cracóvia, e Czestochowa, e que vinham de Lodz, Lublin, Lemberg, Thorn, Cracóvia
3 e Tschenschowau. Mas não sonhei nem com a Nossa Senhora de Czestochowska nem com
4 a Virgem Negra, não debiquei, no sonho, nem o coração do marechal Pilsudski guardado
5 em Cracóvia, nem aquelas broas de mel que deram tanta fama à cidade de Thorn. Nem
6 sequer sonhei com o meu tambor ainda por consertar. Deitado, sem sonhar, sobre cartas
7 num cesto de roupa com rodinhas, Oskar não ouviu nada daqueles sussurros, cochichos,
8 conversas, daquelas indiscrições que, dizem, se desprendem das cartas quando estão
9 amontoadas. A mim, as cartas não me disseram uma palavrinha sequer, não estava à
10 espera de correspondência, ninguém podia ver em mim um destinatário, muito menos
11 um remetente. Dormi como um justo, completamente alheado e imperturbável, em cima
12 de um monte de correspondência grávida de notícias que podia ter significado um
13 mundo. (...)

14 Enquanto tais reflexões abstractas diante da porta semiaberta do depósito de
15 correspondência me tolhiam a liberdade de acção, ouviu-se pela primeira vez fogo de
16 metralhadora no pátio dos Correios. Tal como eu havia previsto, as Milícias Territoriais
17 ousaram o primeiro ataque a partir da esquadra da Polícia na Schneidemühlengasse.
18 Pouco depois, saltaram-nos a todos os pés do chão: os das Milícias tinham conseguido
19 fazer explodir a porta para a secção das encomendas, por cima da rampa de carga das
20 carrinhas postais. Logo de seguida, entraram na secção das encomendas, depois na
21 recepção de encomendas; a porta para o corredor que conduzia ao átrio dos guichés já
22 estava aberta. (...)

LEITURAS CRUZADAS: CONVERSAS LITERÁRIAS NA BIBLIOTECA

13.09.2018 – COM HELENA TOPA

1 Um compartimento agradável, luminoso, com um papel de parede alegre, infelizmente
2 ferido por algumas balas enganadas. Em tempos de paz, teria sido possível ficar sentado
3 junto às duas janelas, a observar a Heveliusplatz como distração. Um cavalo de baloiço
4 ainda intacto, bolas diversas, um forte cheio de soldados de chumbo tombados, a pé ou
5 a cavalo, um caixote de cartão aberto cheio de linhas de comboio e miniaturas de vagões
6 de mercadorias, várias bonecas em melhor ou pior estado, casinhas de bonecas todas
7 desarrumadas, enfim, a oferta excessiva de brinquedos indicava que o primeiro
8 secretário Naczalnik devia ser pai de duas crianças estragadas com mimos, um rapaz e
9 uma rapariga. Que bom os miúdos terem sido evacuados para Varsóvia e eu ter sido
10 poupado a um encontro com uma tal parelha de irmãos, como eu conhecia pelo exemplo
11 dos Bronskis. Imaginei, com uma certa satisfação maldosa, a pena que o garoto do
12 primeiro secretário devia estar a sentir por ter tido de se despedir do paraíso infantil
13 cheio de soldados de chumbo. Se calhar tinha enfiado alguns ulanos no bolso das calças
14 para depois poder, nas batalhas pelo forte de Modlin, reforçar a cavalaria polaca.

15 Oskar está a falar demasiado de soldados de chumbo e não pode, contudo, iludir
16 a confissão: na prateleira de cima de uma estante de brinquedos, livros de estampas e
17 jogos de sociedade, estavam alinhados instrumentos musicais de pequeno formato. Um
18 trompete amarelo cor de mel estava mudo ao lado de um carrilhão que obedecia às
19 acções de combate, quer dizer, tilintava a cada impacto de granada. Na ponta da direita,
20 estendia-se um harmónio, inclinado e colorido, a todo o comprimento. Os pais tinham
21 sido suficientemente extravagantes para oferecerem aos rebentos um pequeno violino
22 verdadeiro, com quatro cordas verdadeiras de violino. Ao lado do violino havia, com o
23 seu branco redondo intacto, travado por uns blocos de construção de madeira e
24 impedido, assim, de rolar por ali fora, por muito incrível que pareça, um tambor de lata
25 pintado de branco e vermelho.

26 A princípio, nem tentei sequer tirar o tambor pelos meus próprios meios de cima
27 da estante. Oskar tinha consciência do seu alcance limitado e permitia-se, nos casos em
28 que o seu tamanho de gnomo se transformava em impotência, recorrer à amabilidade
29 dos adultos.

Günter Grass, O Tambor de Lata, Lisboa: D. Quixote, 2009 (pp. 258-266)

LEITURAS CRUZADAS: CONVERSAS LITERÁRIAS NA BIBLIOTECA

13.09.2018 – COM HELENA TOPA

1 A frase abreviada de Adorno, segundo a qual depois de Auschwitz não podia escrever-
2 se mais poemas, teve uma resposta igualmente abreviada e irreflectida, como se alguém
3 tivesse desafiado inimigos para a pancadaria: aquela proibição é que era bárbara, era
4 uma exigência demasiado grande para as pessoas, era desumana no fundo; afinal de
5 contas, a vida continuava, por muito danificada que estivesse.

6 Também as minhas reacções, que se baseavam no desconhecimento, isto é, no
7 ouvir dizer, insistiam na rejeição. Como me julgava na plena posse dos meus talentos e,
8 consequentemente, me via enquanto dono e senhor exclusivo desses talentos, queria
9 vivê-los plenamente, pô-los à prova. O mandamento de Adorno pareceu-me uma
10 proibição francamente contrária à natureza; era como se alguém se tivesse apropriado
11 do papel de Deus-pai e proibido os pássaros de cantar.

12 Terá sido novamente obstinação ou a entretanto já crónica impassibilidade que,
13 após uma atenção fugaz, fez a tranca cair na fechadura? Não sabia eu, por experiência
14 própria, aquilo que me tinha horrorizado e que não queria deixar de permanecer
15 horrível? O que é que me impedia – mesmo que só temporariamente – de pôr de lado a
16 ferramenta de escultor e de impor à fantasia lírica, a minha hóspede voraz, um período
17 de jejum?

18 Hoje suspeito: a irritação deve ter sido maior ou, perspectivada no tempo, mais
19 duradoura do que eu naquela altura era capaz de confessar a mim próprio. Havia
20 qualquer coisa que tinha sido atacada e – ainda que contra resistências – aprisionada;
21 aquela liberdade sentida como ilimitada, pela qual não tínhamos lutado, que era
22 oferecida, estava sob vigilância.

23 Folheando as minhas coisas no enalço do estudante de Belas-Artes ao que parece
24 obcecado apenas pela arte, encontro um poema escrito nesses anos, publicado, na última
25 versão de 1960, no volume «Triângulo de Carris», mas que na verdade deveria ter
26 integrado o meu primeiro livro, com o título «As Vantagens das Galinhas de Vento».
27 Chama-se «Ascese» e é, como que de um só golpe, um poema programático, dando o
28 tom fundamental que até hoje é determinante para mim, o cinzento:

LEITURAS CRUZADAS: CONVERSAS LITERÁRIAS NA BIBLIOTECA
13.09.2018 – COM HELENA TOPA

ASCESE

1 O gato fala.
2 Mas o que é que diz o gato?
3 Deves pegar num lápis afiado
4 e fazer o sombreado das noivas e da neve,
5 deves gostar da cor cinzenta,
6 viver debaixo de um céu com nuvens.

7 O gato fala.
8 Mas o que é que diz o gato?
9 Deves vestir-te com o jornal da tarde,
10 de serapilheira como as batatas
11 e virar este fato uma vez atrás da outra
12 e não pôr nunca um fato novo.

13 O gato fala.
14 Mas o que é que diz o gato?
15 Devias riscar a Marinha,
16 as cerejas, a papoila e o sangue do nariz,
17 aquela bandeira também tens de a riscar
18 e deitar cinza nos gerânios.

19 Tu deves, continua o gato a dizer,
20 viver só de rins, baço e fígado,
21 do pulmão sem ar, ácido,
22 da urina dos rins, não diluída,
23 de baço estragado e fígado rijo,
24 da panela cinzenta: é assim que deves viver.

25 E na parede, onde antes
26 o quadro verde ruminava o verde sem parar,
27 deves escrever, com o teu lápis afiado
28 ascese, escreve: ascese.
29 É assim que fala o gato: escreve ascese.

G. Grass, Escrever depois de Auschwitz, Lisboa: D. Quixote, 2008 (pp. 20-23)